

Releituras sem reinvenções

Fernanda Assis/Divulgação

Theo Bial lança álbum com versões de clássicos de Chico Buarque no Blue Note Rio e mostra amadurecimento como intérprete da nova geração

Por Affonso Nunes

Aos 27 anos, o cantor e compositor carioca Theo Bial lança seu terceiro álbum solo com um mergulho reverente na obra de Chico Buarque. Batizado de “Theo canta Chico”, o novo disco chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (6), mesma data em que será apresentado ao vivo no Blue Note Rio.

Autoproclamado filho da bossa nova e do samba, Theo já demonstrava essa filiação em seus trabalhos anteriores, os álbuns autorais “Vertigem” (2022) e “Neo-Bossa” (2023). Agora, no entanto, se debruça inteiramente sobre a obra de um autor que transita entre os dois mundos com maestria neste álbum que o Correio ouviu antes. Com frescor e suavidade, Theo pisa respeitosamente em solo buarquiano em interpretações desprovidas de qualquer exagero. E o que é simples torna-se pleno em significados, deixando que as canções falem por si.

A ideia nasceu em 2019, com um show dedicado a Chico e Tom Jobim, apresentado na Casa da Glória. A semente plantada ali germinou em sucessivas apresentações, inclusive em temporadas no próprio Blue Note, culminando neste álbum de 15 faixas.

Gravado com espírito de roda de samba, o disco traz arranjos criados em parceria com os irmãos Raoni e Guido Ventapane, netos de Martinho da Vila. O trio fez as bases ao vivo, em clima festivo e comunitário,



Entre a bossa nova e o samba minimalista, Theo Bial interpreta o fino repertório de Chico Buarque sem exageros ou invenções

com painéis de comida no estúdio e gravações concentradas em poucos dias. “Não tem bateria, é tudo percussão. Queríamos um som no esquema do Fundo de Quintal”,

explica Theo. O resultado é um disco que evoca as rodas de Madureira e da Lapa, mas resgatando com elegância as sofisticadas harmônias da obra do maior compositor



Divulgação

brasileiro vivo.

As releituras de Chico incluem temas como “Homenagem ao Malandro”, “Quem Te Viu, Quem Te Vê” e “Essa Moça Tá Diferente”, canções que Theo já incorporava ao repertório desde os tempos de barzinhos e noites em Ipanema. A relação com o autor, no entanto, vai além da admiração juvenil: “É um repertório que exige atenção ao texto, respeito à melodia. Eu não sou um intérprete teatral. Quero cantar as notas certas e dizer as palavras com clareza”, argumenta.

O álbum teve direção artística de Martinho Filho, das irmãs Analimar Ventapane e Mart'nália, e produção musical do próprio Theo. O projeto também conta com participações especiais de nomes como Vidal Assis e Vinícius Guimarães, além de músicos experientes como Adriano Giffoni e Adriano Souza.

Instrumentista dedicado, Theo toca violão em todas as faixas e cavaquinho em algumas — este último, aprendido de forma autodidática. “O violão é parte da minha identidade, e a linguagem dele é de bossa nova”, define. A relação com Roberto Menescal, que o convidou para sua turnê japonesa no fim do mês, trouxe ainda mais consistência a essa vertente.

Theo está em constante lapidação de sua expressão vocal - estuda canto com Eveline Hecker, que integrou por anos a Banda Nova de Tom Jobim. “Ela me deu orientações preciosas”, diz.

“Theo canta Chico” é trabalho que requer escuta atenta e generosa. O disco está longe de reinventar a obra buarquiana - o que poderia soar pedante. Mas tem o mérito de apresentar jovialidade a um repertório que é pedra fundamental da canção popular brasileira provando que juventude e tradição podem caminhar lado a lado.

SERVIÇO

THEO CANTA CHICO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana) | 6/6, às 22h30
Ingressos a partir de R\$ 60